



καιρός | kairós

Boletim do Centro de Estudos em
Arqueologia, Artes e Ciências do
Património

N.º 4 - Inverno de 2019

CEAACP - UC/CAM/UALG

FICHA TÉCNICA

Título καιρός | kairós. Boletim do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património | **N.º** 4, Inverno de 2019

Editores do volume J. Alves-Ferreira | L. Bacelar Alves | S. Gomes

Autores Ana Margarida Vaz | Ana Costa Rosado | Ana Patrícia Magalhães | Filipa Araújo dos Santos | Gabriel Pereira | Inês Vaz Pinto | José d'Encarnação | Marco Sousa Santos | Maria João Ângelo | Patrícia Brum | Virgílio Lopes | Vitor Costa

Imagem de capa Pilastra com elementos decorativos (pormenor). Claustro castilhiano, c. 1533-1545. © gpereira.

Edição CEAACP

ISSN

Suporte Digital | **Formato** PDF

Contactos ceaacp@uc.pt

Financiamento



Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património



FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA PORTUGAL



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



ÍNDICE

EDITORIAL 1

ARQUIVOS DA TERRA

A medalha de Mértola:
pequena em tamanho, grande em significado 6

Arqueomagnetismo em Portugal. Interdisciplinariedade entre Ciências
Humanas e Ciências da Terra 10

A investigação da Oficina de Salga 4 de Tróia. CEAACP | TRÓIA
SUMMER SCHOOL | AFAR 22

TERRITÓRIOS DA ARTE

O modelo de igreja-salão na espacialidade da arquitectura
portuguesa da Idade Moderna 36

Morrer para a arte 40

O claustro principal do Convento de Cristo de Tomar: a obra perdida
de João de Castilho 48

TRAÇOS DAS HERANÇAS

A casa urbana tradicional no Alentejo. Tipos, evolução e
materialidade 60

Beja Monumental. Património Histórico da Cidade De Beja 70

O ex-voto à divindade Triborunnis 78



O ex-voto à divindade *Triborunnis*

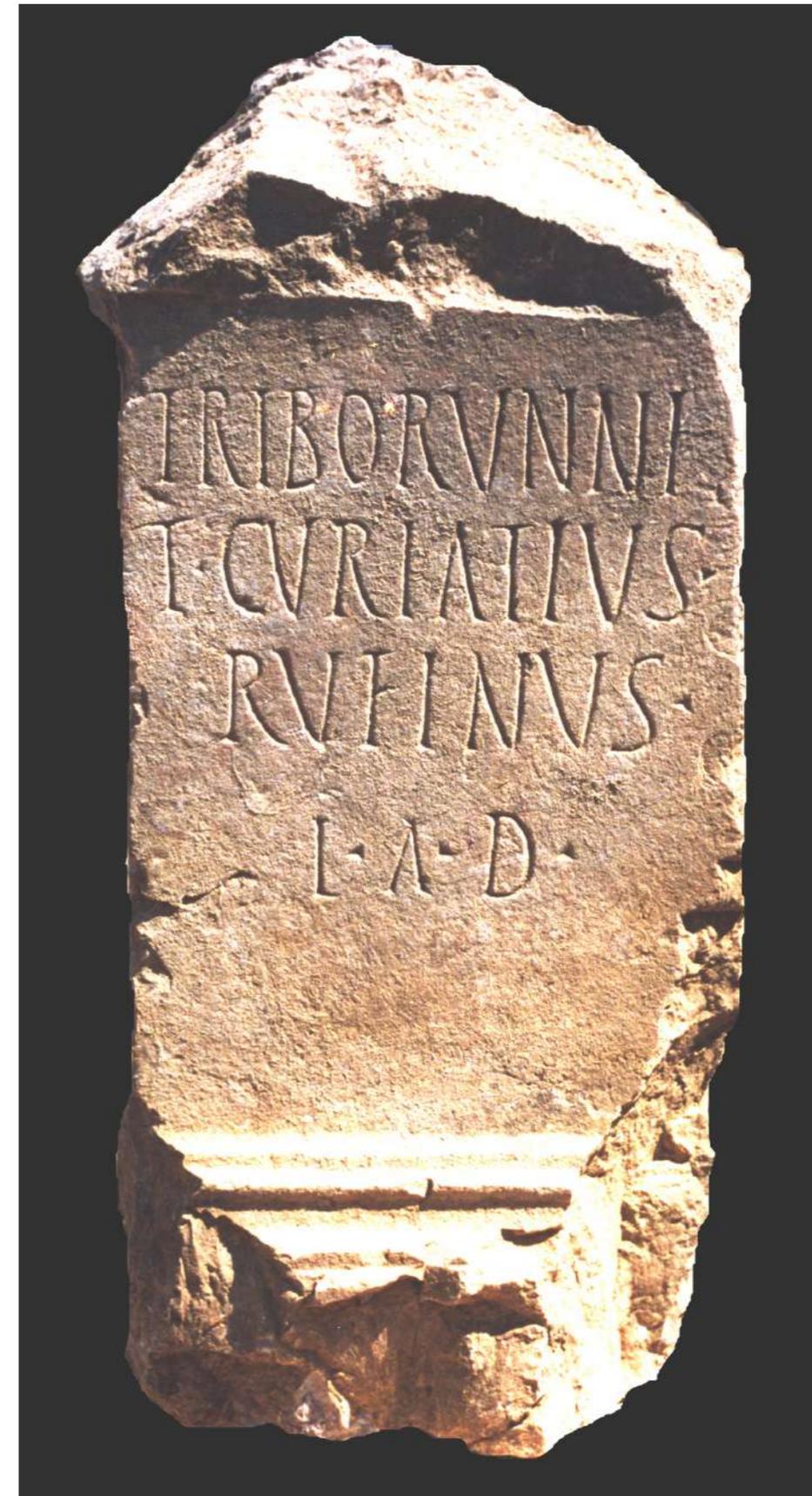
José d'Encarnação | CEAACP/FCT - Universidade de Coimbra

Já muito se escreveu, não há dúvida, sobre o altar identificado no decorrer das escavações realizadas na *villa* romana de Freiria (S. Domingos de Rana, Cascais). Há, porém, alguns aspectos que importará consciencializar, de molde a compreender-se mais cabalmente o significado desse ex-voto.

Em si, nada tem de extraordinário o texto que foi esculpido na árula: indica-se o teónimo em dativo (*Triborunni*), como é de lei; vem depois a identificação do dedicante (*T. Curiatius Rufinus*); e, no final, a fórmula dedicatória, em siglas: *L(ibens) A(nimo) D(edit)*, «ofereceu de livre vontade».

Trata-se, por conseguinte, duma oferta; logicamente, em vista da obtenção de contrapartidas, por mais que apenas queiramos atribuir a Rufino inquebrantável fé na divindade obsequiada. E a contrapartida teria, naturalmente, dois vectores: o primeiro, essencial, a autorização para ele e seus familiares ali se instalarem, uma vez que haviam compreendido ser esse o númen que superintendia no local; o segundo, daí decorrente, o de continuar a abençoar quantas iniciativas se fizessem para mais completo usufruto da terra escolhida.

Sabemos que já ali havia habitantes quando Rufino e seus familiares chegaram. Encontrámos vestígios claros da presença de ocupação dos finais do Neolítico, contemporânea das gentes que construíram, não muito longe, a necrópole de Alapraia; e, de modo especial, materiais e estruturas da Idade do Ferro. Com esses habitantes terá procurado entender-se Rufino, negociando benesses de parte a parte; ter aceitado adoptar a divindade, alheia à sua cosmogonia, constituiu, desde logo, penhor de melhor entendimento.



A forma como singelamente se identifica – e nada mais haveria a esperar, por desejar apresentar-se humilde diante de uma divindade – sugere-nos uma origem itálica, uma vez que do gentílico *Curiatus* continuamos a não encontrar outros testemunhos na já bem vasta epigrafia romana peninsular conhecida; *Rufinus*, por seu turno, além de deter um significado concreto – o «loirinho» – é, ao invés, cognome bastante documentado em *Olisipo*. Hesitamos, por isso, em o incluir no rol dos primeiros colonos que demandaram a cidade do estuário; será, mui verosimilmente, seu descendente directo. De resto, tal se afigura compreensível: os primeiros colonos instalam-se na área urbana e só depois o olhar se espraia derredor...

O teónimo, de grafia até agora singular, levou-nos de imediato a compará-lo com formas idênticas, documentadas na área lusitana do actual distrito de Castelo Branco. Aliás, já Scarlat Lambrino chamara a atenção para o facto de a onomástica patente nas inscrições funerárias romanas desta «península de Lisboa» se aparentar com a dessoutra região, fazendo-o suspeitar de evidentes movimentos migratórios em ambas as direcções. E as formas eram *Trebaruna* e *Trebaronna*. Seriam designações da mesma divindade, transcritas para a pedra conforme soavam ao lapicida.

Uma divindade pré-romana, portanto. E que tipo de divindade? Númen protector, já se vê. Mas protector porquê e como? Sabemos – por comparação com a ideologia católica – que também S. Crispim e Santa Bárbara assumem um carácter genérico de protectores; acontece, todavia, que são padroeiros específicos: S. Crispim dos sapateiros, sendo Santa Bárbara invocada quando tropeja! Ou seja, havia que encontrar uma explicação!

E, na verdade, o que mais tornou apetecíveis os campos de Freiria foi o permanente e abundante ribeiro que fertiliza o vale! Daí que os linguistas não hajam hesitado: o nome tem de ver com o ribeiro! Nas antigas línguas indo-europeias, o radical *treb-* relaciona-se com a ideia de ‘casa’ e *-ron*, *-run* são fonemas que surgem ligados a hidrónimos. Concluiu-se: *Triborunnis* era o númen que vivificava o ribeiro!

Temos, pois, um dedicante de nomes bem latinos a prestar culto a uma divindade indígena segundo os preceitos romanos: a prova cabal da serena aculturação que se concretizou logo nos primórdios da era cristã!

Consulte o site

<http://ceaacp.uc.pt/>

para mais informação sobre as atividades do CEAACP

